



PROJETO

431

**A CRIATIVIDADE
PULSANTE
DO MINEIRO
GUSTAVO PENNA**

**ARTICULADA EM
BLOCOS, A FÁBRICA
DE LOEBCAPOTE
ARQUITETURA**

**26° OPERA PRIMA:
SIMBIOSE ENTRE
O CONCURSO
E O ENSINO DE
ARQUITETURA**

maí/jun '16
R\$ 65,00
arcover.com.br

arco

EM MAIS: Sérgio Magalhães | Jacobsen Arquitetura | Boa Arquitetura | LoebCapote
NPC Grupo | Triptyque | FGMF Arquitetos | Das Archi | SuperLimão Studio
Bacco | Vapor 324 | Gustavo Penna | José Armênio de Brito Cruz | David Guerra
Haroldo Pinheiro | Jomar Bragança | Pedro Akio Hasse | Arquitetura Nacional
Bloco Arquitetos | Hardt Planejamento | Andrea Vilella e Gogliardo Vieira Maragno

PROJETO - 2016

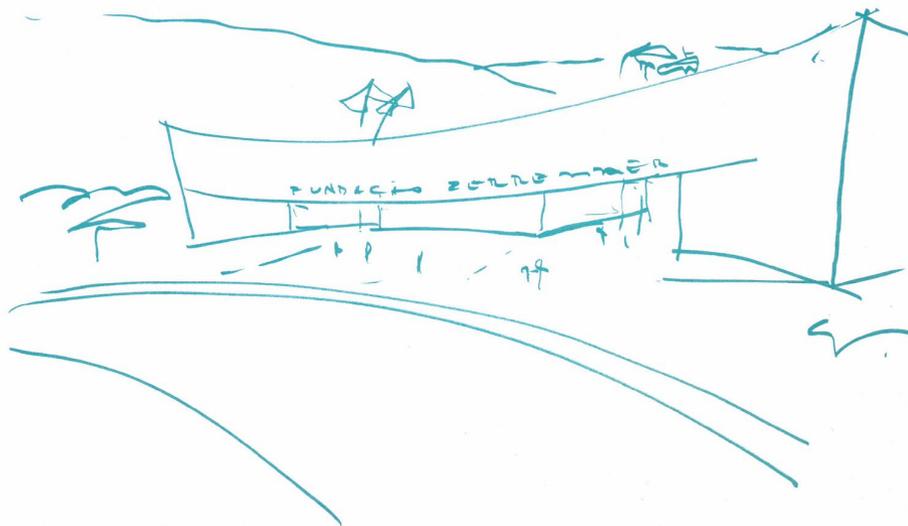
FUNDAÇÃO ZERRENER



PERFIL

GUSTAVO PENNA

Raros são os escritórios nacionais que, tendo alcançado o status de uma empresa de arquitetura de porte - para os padrões do país -, continuam a atuar na pequena, média e grande escalas, como ocorre com Gustavo Penna Arquiteto & Associados. "Não temos uma linha de produção", enfatiza, com certo orgulho, Laura Penna, filha que seguiu os passos do titular da equipe na profissão. Projetos para o rótulo de uma cerveja, a capa de um disco, uma residência ou um centro administrativo são tratados com o esmero e a delicadeza de um ateliê. A maior parte dos integrantes da equipe - a qual, em anos recentes, quase sempre conta com profissionais de outros países - revela que foi justamente a diversidade de programas e a alternância de dimensões que os levaram a ingressar no estúdio e a permanecer ali por longos períodos.



As "musiquinhas" que, em geral, integram as centrais telefônicas e tocam no período de espera entre o atendimento e a conexão com o destinatário final são, quase sempre, irritantes. Quem entrar em contato com a sede do escritório Gustavo Penna Arquiteto & Associados, em Belo Horizonte, ouvirá uma exceção. São os suaves acordes de piano de "Gymnopédie", composição do francês Erik Satie (1866-1915), a preencher o tempo até a ligação (quase que invariavelmente atendida por Eliane Silva Pereira) ser transferida para algum dos integrantes da equipe. Assistente de direção, Eliane trabalha no escritório de Penna há mais de duas décadas e tem sob sua responsabilidade, entre outras atividades, a de organizar a agenda do arquiteto. Em vez da obra

de Satie, poderia ser, por exemplo, "Molduras arquitetônicas", de Toninho Horta, também mineiro e amigo de Penna de longa data. Anos atrás, Horta a compôs para acompanhar as imagens dos projetos que seriam exibidos em uma sala da Bienal de Arquitetura de São Paulo reservada à obra do arquiteto. Numa manifestação recente dessa amizade, Penna foi convidado para criar a capa de um disco de Horta. A diversidade de escalas de atuação - de delicados desenhos de uma capa de disco ou o rótulo de uma cerveja a projetos grandiosos - permeia a carreira do arquiteto que se formou pela Universidade Federal de Minas Gerais em 1973. Desde aquele período, seu escritório ocupa o acolhedor sobrado que pertence à família,



próximo da região central da capital mineira. Seus avós moraram no imóvel e, por isso, ele costuma brincar que a casa é habitada por várias gerações de fantasmas familiares. No início, o escritório se restringia a um cômodo, porém, com sua expansão, hoje ocupa os dois pavimentos.

RECONHECIMENTO DA OBRA

Não demorou muito para que a arquitetura de Penna começasse a despertar interesse. Embora alguns observem nos seus trabalhos iniciais traços do pós-modernismo mineiro (provavelmente em função de seus projetos para o Núcleo de Ensino e Extensão Comunitária, publicado em PROJETO 122, junho de 1999, e para a Academia Shaping, que está na edição 161, março de 1993), o alcance de sua obra superou os códigos dessa linguagem. Mesmo as comparações entre o seu projeto para a Academia Mineira de Letras (PROJETO 191, novembro de 1995) e as obras do português Álvaro Siza são ultrapassadas. Da mesma época da academia (anos 1980/início dos 1990) é a Escola Guignard (publicada na mesma edição), esta sim com contribuição decisiva para que a produção do escritório alcançasse novos patamares, inclusive com relação às dimensões com as quais passou a lidar. É o caso do projeto do Centro de Exposições de Minas Gerais (Expominas), da segunda metade dos anos 1990, complexo que foi implantado em etapas ao longo de quase uma década: a primeira delas, a Casa do Criador

(PROJETO 208, maio de 1997); a segunda, um dos módulos do pavilhão de exposições e a arena de eventos (PROJETO 231, maio de 1999); e a derradeira, os dois pavilhões finais (PROJETO 317, julho de 2006). A contratação para projetos de maior dimensão não significou, porém, o abandono dos de menor escala, como as residências, que continuam a ser desenhadas por Penna com cuidado detalhista e entusiasmo. Se nesse momento - a década de 1990 - os trabalhos são compatíveis com a estrutura de um escritório de porte (para padrões brasileiros), a organização interna e os fluxos ainda são vulneráveis. Eliane recorda que as informações sobre a produção dependiam, sobretudo, da memória dos integrantes da equipe.

PROFISSIONALIZAÇÃO

Ninguém no escritório discute a capacidade de Penna de produzir arquitetura em abundância. Se desse lado lhe sobram virtudes, de outro falta-lhe habilidade para o trato com questões gerenciais e administrativas. A chegada, em 2003, de Laura Penna (filha de Gustavo, formada na UFMG em 2001) começou a alterar essa situação. Foi a partir de sua integração à equipe que se deu o que ela chama de profissionalização do escritório. Até então, a contratação para projetos dependia exclusivamente do arquiteto, papel do qual, por sua natureza espontânea e extensa rede de conhecidos, ele nunca abriu mão. "Éramos muito comprados e pouco vendidos", comenta Laura. Hoje, essa



1 e 2 A equipe de projetos trabalha no piso superior do sobrado que fica próximo da região central de Belo Horizonte. Arquitetos formados no exterior têm sido presença constante no escritório, que, fundado em 1973, já desenvolveu mais de mil trabalhos



ROTINA INTERNA

A cronologia de um projeto começa com uma reunião com o cliente, da qual Penna costuma participar. Antes, porém, já foram levantados dados referentes à solicitação. "Dali, em geral, já sai uma ideia", detalha Bambozzi. Numa reunião posterior, participam Penna, Bambozzi e um coordenador escolhido para desenvolver as linhas do trabalho. "Norberto é o grande apoio dos coordenadores dentro da área de produção" destaca Laura. Ao coordenador cabe, entre outras tarefas, estimar quantas horas serão gastas no desenvolvimento do trabalho. Até a apresentação do estudo preliminar, são realizadas várias reuniões nas quais se consideram as ponderações dos coordenadores. Laura e Norberto relatam que, de maneira geral, Penna facilmente abre mão das suas propostas e procura outras soluções. Laura pontua que, hoje, o escritório consegue avaliar se as condições do trabalho são ou não sustentáveis do ponto de vista econômico. Com isso é possível ponderar se deve se engajar em determinado projeto ainda que ele não ofereça um retorno financeiro significativo, mas seja representativo para o portfólio. São dessa época de maior profissionalização outros trabalhos importantes. Entre eles, o Parque Ecológico da Pampulha (PROJETO 302, abril de 2005), em parceria do GPA com Álvaro Hardy e Mariza Machado Coelho; o Memorial da Imigração Japonesa no Brasil, em conjunto com Mariza Machado Coelho e Paulo Pederneiras

(PROJETO 356, outubro de 2009); e a reformulação do Estádio Magalhães Pinto, o Mineirão, junto com GMP e SBP (PROJETO 357, novembro de 2009).

TODAS AS ESCALAS

A pequena, a média e a grande escalas continuam presentes nas realizações do escritório e, conforme asseguram seus líderes, nenhuma delas será jamais rejeitada, já que tal diversidade é o aspecto que mais os atrai para continuar participando da equipe. "Não temos uma linha de produção", observa Laura. "Temos o cuidado do ateliê, mas temos organização." Laura foi mentora do avanço organizacional do GPA. Contou, porém, com o suporte de Risia Botrel (UFMG, 1995), que começou na área de gerenciamento e planejamento em uma construtora de Alagoas - atleta profissional, ela se mudou para Maceió para integrar uma equipe de vôlei e quando deixou o esporte foi trabalhar na construtora. De volta a Belo Horizonte, foi convidada a tomar parte no GPA depois de atuar, como consultora, no processo de certificação ISO 9001 que o escritório pleiteava. Pouco afeitas ao desenho de arquitetura, como Risia e Isabela Tolentino (UFMG, 2009) admitem, elas passaram a responder pelo planejamento e, em anos mais recentes, também pelo gerenciamento dos trabalhos do escritório. Para a ex-atleta, ter se organizado efetivamente como empresa - com controles financeiros, fluxo de caixa, apuração de horas trabalhadas - habilitou o GPA a participar de concorrências de porte ampliar fronteiras de atuação. O edifício-sede da Forluz, em Belo Horizonte, produzido em conjunto com o Trinia Arquitetura (PROJETO 424, agosto de 2015), foi o primeiro no qual o GPA também participou como gerenciador. Penna reconhece que gerenciamento e planejamento foram fundamentais para alcançar o patamar atual: até o final do ano passado, contabilizavam-se mais de mil projetos no currículo do GPA; em 2015, estavam em andamento (em diferentes estágios) 40 trabalhos, metade deles contratada nos últimos 12 meses. Na entrevista e matérias a seguir, um apanhado da ideologia e das realizações, recentes e futura, do ateliê-empresa.

ENTREVISTA



FOVARR BRAGANÇA

COMO O SENHOR SINTETIZARIA SEU PROCESSO CRIATIVO?

Minha preocupação é interpretar bem a demanda do projeto e isso significa abordá-lo bem por todos os ângulos, o que é da abordagem típica do arquiteto. Para começar, gente, para mim, é plural e não singular. Quando a demanda vem do cliente - que é importantíssimo -, não é ele o foco principal. Eu quero também imaginar a rua onde vai ficar a arquitetura, as pessoas que vão olhar. Um prédio, um edifício qualquer que ocupa um espaço no mundo precisa pedir licença para estar ali. Licença ao prédio do lado, licença com relação à calçada e com os outros prédios. Ele tem que estabelecer uma relação de harmonia. Quando o meu cliente é o "editor" dessa proposição, ele que encomendou, ele começa a entender que deve contribuir para que o objeto arquitetônico que vai surgir seja até mais sedutor, seja mais harmonioso, que convide ao olhar, à percepção. A questão dele, cliente, também deve ser analisada com muito carinho. Tenho muito a noção de empatia, de me transferir para o lugar da pessoa, de ouvir de dentro e tentar não censurar. Então, você tem de descobrir uma intenção bonita daquela atitude, do desejo de construir, de ampliar sua estrutura, de beneficiar alguém. Quando essa interpretação é feita de uma maneira mais precisa, sem ser muito datada, a arquitetura tende a durar mais tempo e cumprir

outras missões. Então, basicamente, o trabalho é esse: de compreensão do que significa a demanda.

O QUE MUDOU NA SUA MANEIRA DE EXERCER A PROFISSÃO DESDE A ÉPOCA DA SUA FORMAÇÃO ATÉ OS DIAS ATUAIS?

Mudaram as ferramentas de trabalho e o escritório ficou mais informatizado. O grupo que trabalha comigo hoje é formado por pessoas que nos conhecem há mais tempo, que já jogam por música. É como se tivéssemos capacidade de descobrir antes onde algo está falhando e encontrar solução para aquilo. Eu persigo as mesmas coisas que perseguia quando saí da escola. Não fosse assim, como eu sobreviveria esse tempo todo? Não ia conseguir conviver comigo mesmo. Se você não tem honestidade de propósito consigo mesmo, com as buscas, não dá para acreditar em arquitetura e que ela seja capaz de melhorar a vida das pessoas. Acreditar que a arquitetura não é só construção de boniteza, mas da beleza. Muita gente me pergunta se arquitetura é dentro ou fora. Não é dentro, tampouco fora: é através. A questão do ser através é a mesma em que eu pensava quando saí da escola. É um prédio que não converse somente com ele mesmo, mas que proponha um diálogo com o mundo e que os espaços externos sejam tão arquitetados quanto os internos. E que disponha de áreas de convite ao convívio.

O QUE MAIS AGRADA E O QUE MAIS INCOMODA NO OFÍCIO, NA FORMA COMO HOJE O EXERCE?

O que mais me agrada é fazer várias coisas diferentes ao mesmo tempo. No momento em que estou intervindo em área de 9 milhões de metros quadrados - praticamente uma cidade -, em Governador Valadares, estou fazendo uma pequena capela ou um museu em uma cidade histórica. São formatos pequenos e propostas que variam de tamanho e função: hospital, escola, teatro, estação de televisão, museu, praça, monumento. Tudo isso provoca a invenção. O gostoso disso é inventar. O que me incomoda é a falta de cultura do Brasil para a arquitetura. Até parece que existe um sistema que impede que as coisas saiam perfeitas, que saiam do jeito que foram pensadas. Parece existir um momento na obra em que os

vários atores da cena arquitetônica começam a se dar o direito de alterar o trabalho. Não falo isso com arrogância, mas com tristeza, porque cada um tem sua missão. A minha é fazer com que a ideia pactuada no início chegue até o final. Acredito que não haja outro país do mundo - pelos menos nos países civilizados - onde ocorra o que se dá aqui. Imaginava que, com mais tempo de produção, isso fosse se acabando, mas ainda é recorrente. Às vezes o gerente do contrato da obra se sente autorizado a fazer alterações no projeto. As entidades de classe - conselhos de arquitetura, IABs - e as escolas deviam conduzir um grande processo de elucidação a esse respeito, porque os próprios arquitetos não estão sabendo qual é a sua missão.

QUAL A PERSPECTIVA PARA OS ESCRITÓRIOS DE ARQUITETURA NUM PAÍS EM CRISE?

O mundo nunca precisou tanto de arquitetura como atualmente. As cidades não serão mais as mesmas e terão que ser repensadas pela mobilidade urbana, pela questão energética, pelas mudanças climáticas. O arquiteto tem que partir para o ataque, perder as esperanças, no sentido da afirmação feita por André Comte-Sponville [filósofo francês], no livro *A felicidade desesperadamente*. Ele diz que a esperança paralisa. Perder a esperança significa, então, colocar-se em ação, resolver problemas. Essa é uma atitude parceira, generosa, e atitude solidária, no sentido mais bonito do termo. Não o termo como é usado muitas vezes pelos políticos e sim com a ideia de participar. Às vezes tem uma praça que a comunidade está procurando fazer, você vai lá e ajuda. Como remunerar? Às vezes tem uma pessoa que pode pagar por aquela obra e pode também pagar você. Eu falo para os alunos das escolas de arquitetura: em vez de ficar esperando alguém contratar você, parta para a luta, comece na sua rua. Faça uma proposta para a prefeitura, junte, encomende-se um projeto. Pegue esse tempo que você está gastando em chorar, faça um projeto dentro do seu escritório e apresente para a comunidade. Tente arranjar pessoas capazes de mobilizar recursos para a realização disso. Procure fazer como Lina Bo Bardi falava: com o que se tem à mão. Meu avô dizia: "Quantos vivem a buscar o ideal no espaço, e o ideal aqui na terra, ao alcance dos nossos braços".



PERFIL

Transformação do entorno

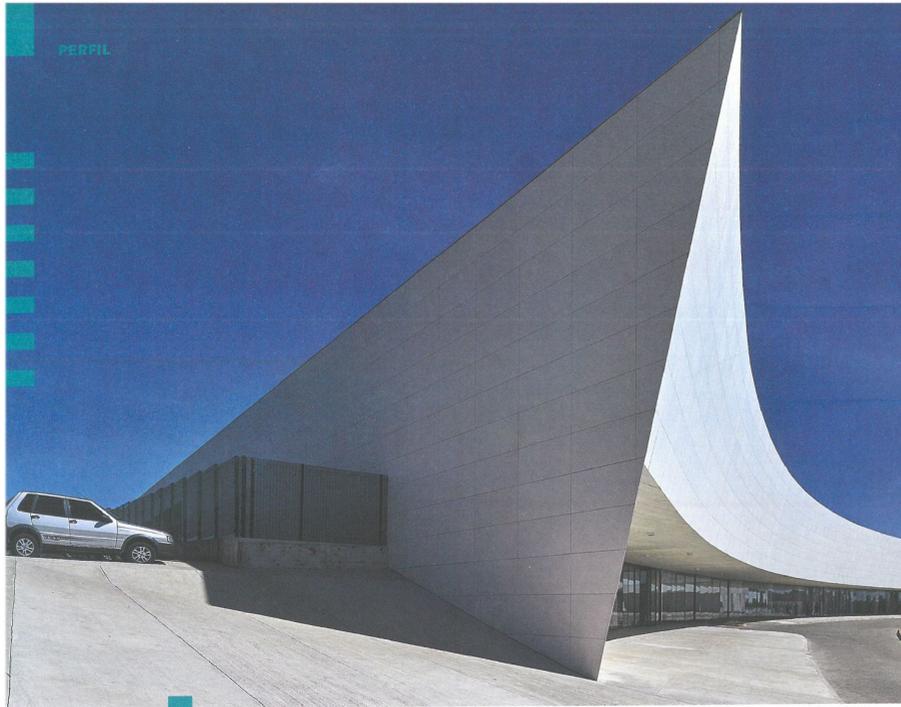
FUNDAÇÃO ZERRENER

COLÉGIO ROBERTO HERBSTER GUSMÃO

LOCAL Sete Lagoas, MG
DATA DO INÍCIO DO PROJETO 2011
DATA DA CONCLUSÃO DA OBRA 2016
ÁREA DO TERRENO 36.067,80 m²
ÁREA CONSTRUÍDA 25.808,05 m²
ARQUITETURA Gustavo Penna
Arquiteto & Associados - Gustavo Penna, Laura Penna, Norberto Bambozzi, Alice Leite Flores, Alyne Ferreira, Ana Isabel de Sá, Bárbara Novals, Catarina Hermann, Carolina Castro, Eduardo Magalhães, Fernanda Tolentino, Fernando Artigas, Gabriel de Souza, Henrique Neves, Hiromi Sasaki, Isadora Dawson, Ivan Rimsa, Jordana Faria, Júlia Lins, Juliana Ferreira, Larissa Freire, Letícia Carneiro, Marcus Flávio Martins, Michelle Moura, Naiara Costa, Naim Korqa, Oded Stahl, Patrícia Gonçalves, Paula Salum, Raquel Resende e Sarah Fernandes (equipe); Risia Botrel, Isabela Tolentino e Taimara Araújo (gestão e planejamento); Diana Penna (comunicação)
PAISAGISMO Flávia D'Urso Paisagismo
CONSTRUÇÃO Marc
FOTOS Jomar Bragança

PROJETO - 2016

FUNDAÇÃO ZERRENER



Encontro da empena lateral (uma das faces da escola de ensino fundamental e médio) com o pórtico. Gesto único que convida e acolhe, avalia o autor



1 A praça para onde se volta o acesso do ginásio é um espaço de conexão entre os três principais blocos que compõem o complexo / 2 Lateral do bloco que atende a escola de ensino fundamental e médio, cuja ocupação ainda não está completa. Brises na fachada protegem contra a incidência da luz solar

Ao extenso e variado repertório de obras acumulado ao longo de mais de quatro décadas, o escritório de Gustavo Penna somou, no primeiro semestre de 2012, o projeto da segunda escola criada pela Fundação Zerrener no país. Recém-construída, a unidade fica em Sete Lagoas, a cerca de 70 quilômetros de Belo Horizonte. A entidade, que tem participação acionária na Ambev, implantou e mantém no bairro do Cambuci, região central de São Paulo, desde a década de 1940, a primeira delas: a Escola Técnica Walter Belian. Nos últimos anos, o tema passou a ser mais frequente na pauta do escritório, mas uma de suas primeiras experiências com esse tipo de programa foi o Núcleo de Ensino e Extensão Comunitária (Nec), de 1980, e uma das mais significativas o projeto da Escola Guignard, de 1989, ambos na capital mineira.

A escola de Sete Lagoas recebeu o nome do advogado, empresário e político Roberto Herbster Gusmão (foi presidente da Antártica e ministro da República), a quem Penna credits a contratação de seu escritório para o trabalho. O colégio foi construído em um amplo lote na avenida Cornélio Viana, zona periférica da cidade, tendo como paisagem de fundo a serra Santa Helena. Até então, o terreno e imediações eram considerados áreas rurais e a população ali residente era predominantemente de baixa renda. O perfil dos moradores parece permanecer o mesmo, mas o entorno passa por transformação positiva, decorrência, ao menos em parte, da arquitetura do complexo educacional, esportivo e cultural. Por trás dessa capacidade transformadora está a ideia que atividades distintas podem conviver em harmo-

Nesse sentido, o projeto é pleno de significados e, por isso, foi desenhado como um gesto único, "que convida e acolhe", afirma Penna. Visto da avenida, o complexo é definido pela curva do extenso pórtico, que catalisa o acolhimento e que ganhou forma a partir de estruturas metálicas e placas de revestimento mineral. Estendendo-se paralelamente à avenida, esse elemento assinala os acessos e internamente articula os principais volumes. O complexo é composto por três blocos: o de maior dimensão, à esquerda, recebeu uma escola de ensino fundamental/médio; o da direita, abriga escola técnica mantida pelo Senai/MG; e o do centro é compartilhado por auditório e ginásio esportivo - à frente deles (e por trás do pórtico) o espaço é ocupado por biblioteca e galeria para exposições. Ao fundo, está uma dupla de quadras

cobertas, antecedida por uma generosa praça, por onde se dá o acesso ao equipamento esportivo. Na forma de pavilhões, os edifícios escolares (de dois pavimentos) possuem circulações amplas e proteção nas faces mais sujeitas à insolação. A distribuição desses volumes segue a orientação norte-sul - segundo o escritório, a ideal para o uso educacional -, com formas vazadas que favorecem a ventilação e o conforto térmico. Embora se relacionem, os dois pavilhões e o prédio cultural/esportivo têm suas individualidades resguardadas por anteparos e por elementos do paisagismo, ainda que neste caso a solução implantada divirja da proposta original. Quando completamente ocupadas, as escolas poderão atender mais 2,5 mil estudantes. O auditório tem capacidade para 450 pessoas e o ginásio, para até mil.



Gustavo Penna



PAVIMENTO SUPERIOR

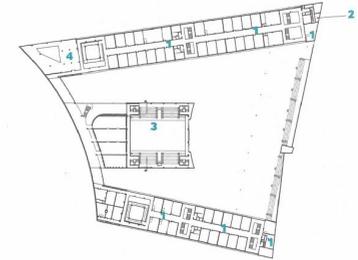
1 Salas de aulas/laboratórios
2 Serviços / 3 Quadra / 4 Biblioteca

TÉRREO

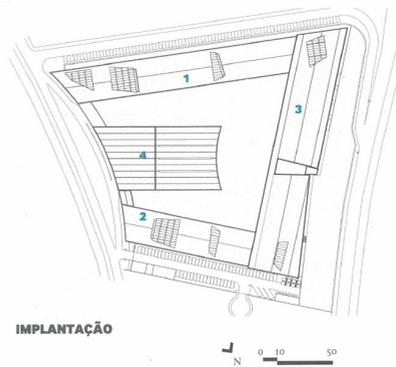
1 Acesso público / 2 Secretaria / 3 Diretoria
4 Salas de aulas/laboratórios / 5 Recreação
6 Cantina / 7 Serviços / 8 Quadras / 9 Auditório

IMPLANTAÇÃO

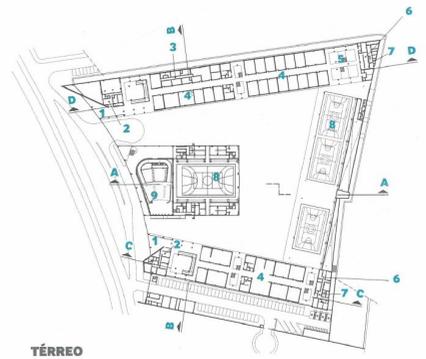
1 Ensino médio/fundamental / 2 Ensino profissionalizante
3 Quadras / 4 Auditório/ginásio



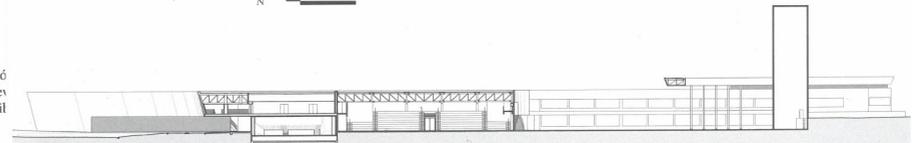
Rampas são o elemento de circulação vertical nos blocos em forma de pavilhões



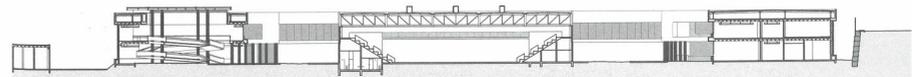
PAVIMENTO SUPERIOR



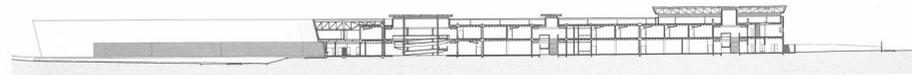
Área junto ao pó na qual está prevista a instalação da bil



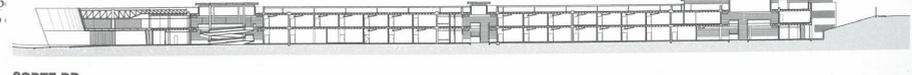
CORTE AA



CORTE BB



CORTE CC



CORTE DD

Interior do ginásio esportivo, que receberá público mil pessoas



PERFIL

MUSEU DE CONGONHAS

LOCAL Congonhas, MG
DATA DO INÍCIO DO PROJETO 2005
DATA DA CONCLUSÃO DA OBRA 2015
ÁREA DO TERRENO 3.625 m²
ÁREA CONSTRUÍDA 4.736 m²
ARQUITETURA Gustavo Penna
Arquiteto & Associados - Gustavo Penna, Laura Penna, Norberto Bambozzi, Alice Leite Flores, Eduardo Magalhães, Fernanda Tolentino, Gabriel de Souza, Henrique Neves, Ivan Rimsa, Júlia Lins, Juliana Couri, Laura Caram, Letícia Carneiro, Naiara Costa, Natália Ponciano, Oded Stahl, Patrícia Gonçalves, Paula Salum e Raquel Resende (equipe); Risia Botrel, Isabela Tolentino e Taimara Araújo (gestão e planejamento)
COMUNICAÇÃO Diana Penna
AUTOMAÇÃO PREDIAL Projelet e Facury
CLIMATIZAÇÃO/AR CONDICIONADO Climatizar
FUNDACÕES Márcio Capetinga
ILUMINAÇÃO Iluxx
INSTALAÇÕES ELÉTRICAS E HIDRÁULICAS Projelet
PAISAGISMO Projeta
CONSULTORIA DE ACÚSTICA Oppus
FOTOS Jomar Bragança

Gustavo Penna

Museu no santuário

Um dos mais representativos exemplares da arquitetura colonial brasileira, o Santuário de Bom Jesus de Matosinhos, em Congonhas, cidade a cerca de 80 quilômetros de Belo Horizonte, tem, desde o final do ano passado, um motivo a mais para ser visitado: ao complexo religioso/turístico onde está parte da obra do escultor, entalhador e arquiteto Antônio Francisco Lisboa, o Aleijadinho, foi incorporado o Museu de Congonhas, um centro de pesquisas/referência sobre esse período histórico do país.

Pouco mais de um mês após a inauguração, ocorrida em 15 de dezembro, o museu já contabilizava visitação superior a 10 mil pessoas. Ainda que parte desse público possa ser atribuída à novidade, não há como negar à arquitetura da edificação - que, desenvolvida por Gustavo Penna, possui autonomia conceitual e plástica requintada - a contribuição desejada pelos idealizadores para lançar um olhar diverso ao santuário, tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) em 1939 e chancelado pela Organização das Nações Unidas (ONU) como Patrimônio da Humanidade em 1985. O escritório de Penna foi o vencedor, em 2005, de uma competição realizada pelo Iphan em conjunto com a representação brasileira da Unesco (órgão da ONU para ciência e cultura). Uma das razões para a escolha do projeto foi o fato de sua arquitetura, embora eloquente, não perturbar nem competir com o existente; antes valoriza e dá a ele uma nova dimensão, reforçando o protagonismo do santuário construído no morro do Maranhão. A experiência em propostas semelhantes - por exemplo, o projeto do anexo da Academia Mineira de Letras, em Belo Horizonte, trabalho do início da década de 1990 - deu subsídios à equipe para a definição do partido do museu.

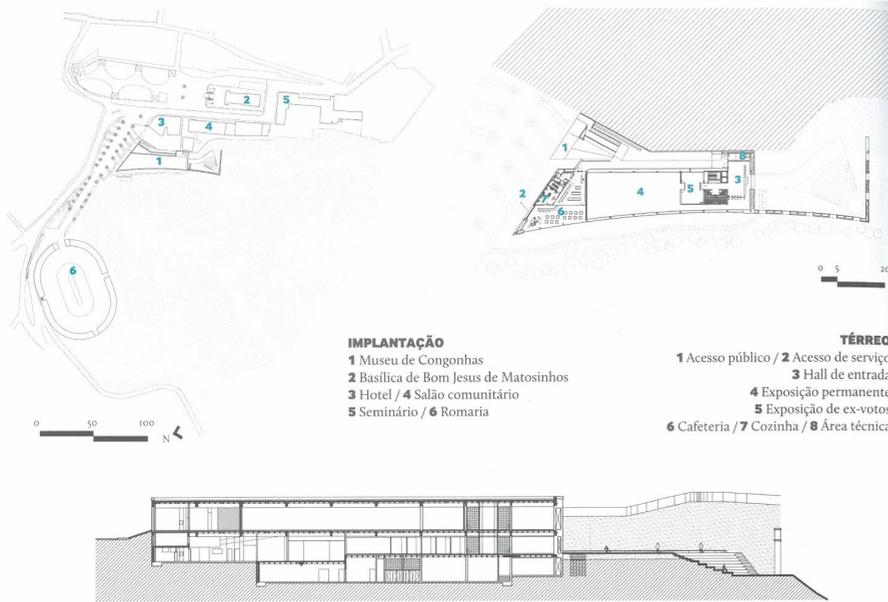


PROJETO - 2016

FUNDAÇÃO ZERRENER



PERFIL



IMPLANTAÇÃO

- 1 Museu de Congonhas
- 2 Basílica de Bom Jesus de Matosinhos
- 3 Hotel / 4 Salão comunitário
- 5 Seminário / 6 Romaria

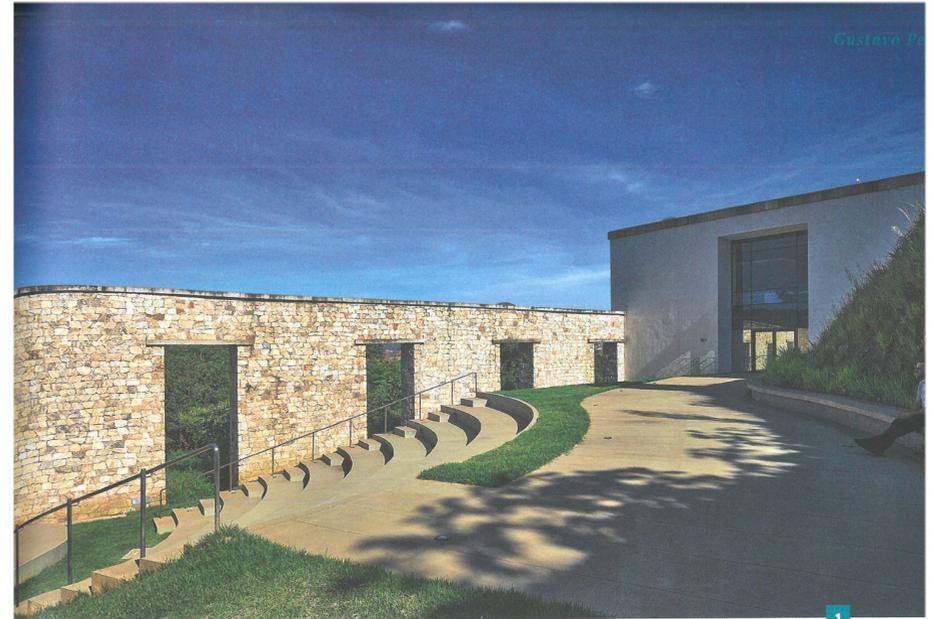
TÉRREO

- 1 Acesso público / 2 Acesso de serviço
- 3 Hall de entrada
- 4 Exposição permanente
- 5 Exposição de ex-votos
- 6 Cafeteria / 7 Cozinha / 8 Área técnica

CORTE LONGITUDINAL

Conforme registra o escritório, embora a ideia tenha sido criar uma implantação neutra a fim de evitar que a volumetria ofuscasse a composição existente, conta-se com a amplitude e referências dos ambientes externos e percursos internos. "A dinâmica dos espaços faz ecoar a dimensão simbólica dos valores que acolhe e apresenta aos visitantes", pontuam os autores. Implantado em um declive natural do terreno, o museu/centro de estudos tem três pavimentos ajustados à topografia do lote, nos quais se distribuem salas de exposição permanente e temporária, biblioteca, centro de documentação sobre o barroco brasileiro e ateliê para o desenvolvimento de trabalhos com pedra, além de loja e café. "O museu usa o caminho da gentileza, da consciência e do respeito pelo santuário. Nosso projeto teve de ser atemporal, embora seja testemunha de seu tempo e tenha orgulho de afirmar poesia, respeito, equilíbrio", explica Penna.

Ele classifica a parte superior da edificação - que tem paredes caiadas e pintadas com tinta mineral, a mesma empregada na restauração da igreja - como leve e fluida, e observa que a longa e suave curvatura do prédio, que se derrama na encosta em um formato côncavo, remete à forma oval do edifício vizinho da histórica romaria. "Estabelecemos um vínculo com o território simbólico, para preservar a solidez do acervo histórico e artístico e reafirmar esse patrimônio", complementa Laura Penna, coordenadora do projeto. No interior, os recursos de instalações e de luminotécnica flexibilizam e enriquecem as possibilidades de uso. Ainda segundo o arquiteto, a arquitetura da edificação se harmoniza com a linguagem secular de diversas maneiras. Ele dá como exemplos aberturas, proporções, alinhamentos e altimetrias em escala similar à do resto do conjunto e a grande base com pedras da região, elemento típico da época da construção do santuário.



1 O anfiteatro, que é também um espaço de contemplação, está posicionado na extremidade do terreno e aproveita a declividade natural / 2 Além de museu, o conjunto se propõe a ser centro de documentação sobre o barroco brasileiro e ateliê para o desenvolvimento de trabalhos





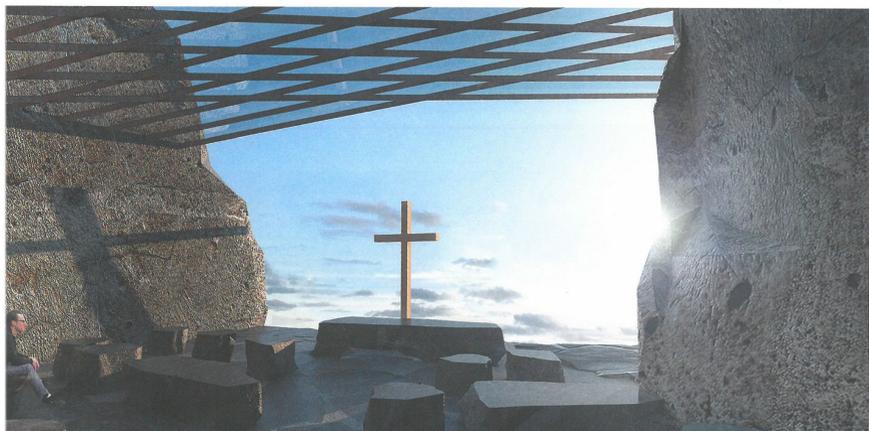
Metáforas em projeto futuro

MUSEU MARIA REGINA MUNDI

Localizado no alto da serra da Piedade, em área que pertence ao município de Caeté, a quase 50 quilômetros de Belo Horizonte, o Santuário Nossa Senhora da Piedade deverá atrair, nos próximos anos, não só a visita dos devotos, mas também dos incréus que não sejam insensíveis ao belo. Isso porque, nas imediações desse local de peregrinação, deverá ser construído o Museu Maria Regina Mundi (Maria, Rainha do Mundo), cuja concepção é do escritório Gustavo Penna Arquiteto & Associados, contratado para o trabalho pela Arquidiocese de Belo Horizonte. Um dos objetivos do espaço é cultivar a devoção a Nossa Senhora e ampliar os conhecimentos dos fiéis sobre ela. Para a implantação do museu, uma das decisões do projeto foi retirar do terreno várias construções existentes, praticamente reconstituindo a paisagem serrana local e inserindo a edificação de modo que ela venha a parecer naturalmente incorporada ao entorno. Assim, o conjunto edificado ficará quase todo em falso subsolo. Praticamente seu único elemento visível será um círculo metálico (feito de ferro da serra, conforme pontua Penna, no memorial do trabalho), representando a aura/halo que aparece nas representações de Nossa Senhora e que poderá ser observado a distância. Esse círculo estende-se sobre uma praça para a celebração de missas campais. Espaços para exposições, auditório, cafeteria/loja/livraria e áreas administrativas estão entre as funções equacionadas pelo projeto, incorporadas a diferentes cotas do terreno. No nível superior, por entre as rochas da paisagem, está previsto um caminho que, saindo da área de acolhimento (junto à praça de retorno), leva primeiro ao acesso principal e, na sequência, ao mirante. O projeto, conforme explica a arquiteta Alice Leite Flores, da equipe do escritório, foi concebido no campo das metáforas. Nessa interpretação, a aura/halo configurada pelo círculo metálico (permanentemente visto, mas jamais tocado) é, ao mesmo tempo, o elemento de coroação da montanha e representativo da pureza de Maria. O percurso até ele, por sua vez, é uma espécie de caminho ritualístico. (A.M.)

“
MEU AVÔ DIZIA:
‘QUANTOS VIVEM A
BUSCAR O IDEAL NO
ESPAÇO, E O IDEAL
AQUI NA TERRA,
AO ALCANCE DOS
NOSSOS BRAÇOS’
”

GUSTAVO PENNA ARQUITETO
& ASSOCIADOS
FUNDAÇÃO DO ESCRITÓRIO 1974
WWW.GUSTAVOPENNA.COM.BR



PROJETO - 2016

FUNDAÇÃO ZERRENER